

O AMOR
ESTAVA MAIS
PERTO DO QUE
ELES IMAGINAVAM.

Um FAVORZINHO do VIZINHO



KRISTINA FOREST

“Acolhedor, divertido e profundamente romântico.”
— Rachel Lynn Solomon, autora de *Hoje, depois, amanhã*



VERUS
EDITORA

KRISTINA FOREST

Um
FAVORIZINHO
do **VIZINHO**

Tradução
Dandara Morena

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2023



VERUS
EDITORIA

Título original
The Neighbor Favor

ISBN: 978-65-5924-184-2

Copyright © Kristina Forest, 2023
Publicado originalmente por Berkley, um selo da Penguin Random House LLC.
Edição publicada mediante acordo com Pippin Properties, Inc.
por intermédio de Rights People, London.
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2023
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380 www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F798f

Forest, Kristina

Um favorzinho do vizinho [recurso eletrônico] / Kristina Forest ; tradução Dandara Morena. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Verus, 2023.

recurso digital

Tradução de: The neighbor favor

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-205-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morena, Dandara. II. Título.

23-84315

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

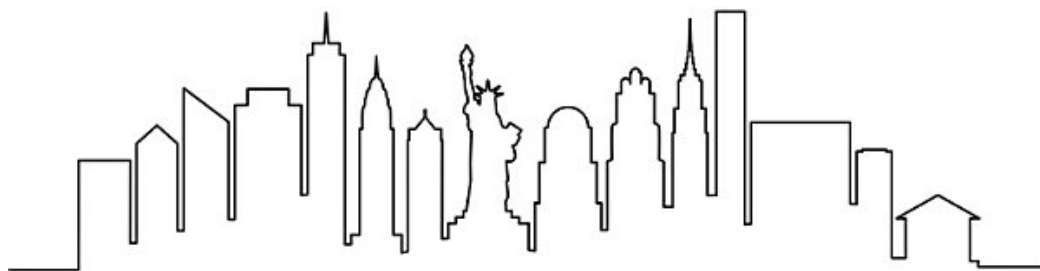
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Para minha grande parceira de trabalho, Alison

Prólogo



LILY GREENE SEMPRE IMAGINOU QUE, se tivesse a terrível infelicidade de morrer jovem, isso aconteceria de um jeito honrado e valente. Parecido com o jeito dos heróis dos seus adorados romances de fantasia. Talvez ela morresse resgatando uma criança (ou um gato) de um prédio em chamas. Ou se jogando no meio da rua para evitar que um idoso fosse atropelado por um caminhão em alta velocidade.

Com vinte e cinco anos, ela não imaginou que passaria seus últimos momentos ensopada de suor, desidratada, num metrô sem ar-condicionado em Nova York durante a hora do rush em um dos dias mais quentes do ano. Porque àquela situação talvez ela não sobrevivesse.

Lily agarrou a barra do metrô e se esforçou para não tocar as outras cinco mãos que também estavam ali. Com a mão livre, vasculhou a bolsa de pano e tirou a garrafinha de água vazia, como se ela fosse se encher magicamente. Na maioria das vezes ela era esperta e a enchia antes de sair do escritório, mas, naquele dia, sua chefe, Edith, vice-presidente e editora da Edith Pearson Books na estimada Mitchell & Milton Inc., estava com o humor horrível depois de ter caído num golpe por e-mail, o que significava que o departamento de TI tinha se apossado do computador de Edith e ela não podia ficar no próprio escritório. Então em pouco tempo ela estava parada sobre o ombro de Lily na sua pequena mesa, repetindo sem parar que tinha

sido a “vítima inocente” de um “golpista do mal”. Durante todo aquele tempo, Lily se perguntou: dava para culpar alguém além de si mesmo quando uma pessoa, alegando ser o neto há muito tempo perdido de John F. Kennedy, mandava um e-mail pedindo que você lesse o rascunho da autobiografia dele para análise de publicação clicando em um link perigoso e altamente suspeito e, com isso, liberasse um vírus no seu computador?

De qualquer forma, pelo resto da tarde, Lily suportou as reclamações e o controle excessivo de Edith. Ela sobreviveu bebendo muitas xícaras de café, nenhum copo d’água e devorando metade de um pacote de biscoitos à sua mesa quando Edith saiu para almoçar. Naquele momento, Lily estava faminta, desidratada e quase virando uma poça de suor bem ali na linha B downtown quando o trem de repente freou. O condutor deu um aviso que ninguém conseguiu entender, e um coro de grunhidos se espalhou pelo vagão. Um homem que já tinha tomado a liberdade de tirar a camisa bateu nas portas do vagão como se o condutor pudesse ouvi-lo.

— Cacete, consertem esse ar! Vamos morrer aqui!

Outras pessoas começaram a gritar e a reclamar, ficando mais bravas conforme o metrô permanecia parado. Lily fez uma careta. Nunca nada de bom acontecia quando um bando de pessoas se irritava, com calor e impossibilitadas de se mover. Pelo menos tinham parado na Manhattan Bridge, então ela tinha sinal no celular.

— Que merda! — gritou alguém. — Por que está tão quente?

— Aquecimento global — murmurou uma mulher de pé ao lado de Lily.

Ela era baixa e loira, com bochechas coradas e testa suada. Lily imaginou como *ela mesma* deveria estar. Ainda era maio, mas aquela primavera já trazia o calor insuportável do verão. Lily olhou para sua camisa branca de botões sem manga, que naquele momento tinha manchas de suor sob as axilas. Gotículas umedeciam sua pele marrom, mas não do jeito bonitinho da maquiagem das influenciadoras, e os cachos esvoaçantes que tinham fugido do coque grudavam na nuca. Nojenta. Ela se sentia nojenta.

E enjoada? Ela começou a ficar tonta, e apertou a barra com mais força, tentando afastar o enjoo e a tontura. Tinha desmaiado algumas vezes na infância quando o calor e o estresse criavam uma combinação perigosa, e Lily não podia se dar ao luxo de desmaiar naquele dia. Não quando tinha

que correr para casa, dar comida para o gato e voltar a Manhattan em questão de horas porque ia encontrar as irmãs mais velhas, Violet e Iris, para jantar no Meatpacking District. Violet, a sempre sociável stylist de celebridades, soubera recentemente de um novo restaurante francês de cozinha de fusão que elas *tinham* que experimentar. Lily odiava ir a lugares da moda na cidade porque sempre se sentia ridiculamente malvestida, mas Iris, que trabalhava demais, ia realmente dar um tempo do escritório para se juntar a elas, então Lily não tinha desculpas para não ir.

Bem naquela hora o celular de Lily vibrou na bolsa. Era Violet ligando. Lily atendeu, mantendo a voz baixa. Não queria ser uma daquelas pessoas que deixam todo mundo no metrô saber sobre suas conversas.

— Lily — disse Violet, a voz com a mistura habitual de vigor e confiança.
— Os planos mudaram.

— Como assim?

— A Iris não pode ir. É alguma coisa do trabalho. Que novidade. Você pode... espera aí.

Lily ouviu quando Violet afastou o celular do ouvido e murmurou alguma coisa para alguém. Violet podia estar em uma sessão de fotos ou no set de um videoclipe de um dos seus clientes. A vida dela se movia na velocidade da luz, e Lily nunca conseguia acompanhar.

— Oi, voltei. Desculpa. Ninguém nunca me *ouve* nessas coisas. Eu coloquei nela um meia pata rosa-choque da Versace e o que o fotógrafo diz? “Põe ela de preto.” Ela fica melhor com cores vibrantes! Por que é tão difícil todo mundo entender?

— De quem nós estamos falando? — perguntou Lily, limpando o suor da testa. — Só pra gente se entender.

— Da Karamel Kitty. Já te falei dela. É a rapper com quem estou trabalhando agora.

— Ah, sim — respondeu Lily, lembrando vagamente. — Não foi essa que expôs o político que enviou fotos do pinto para ela?

— O quê? Ah, é, isso foi ano passado. Enfim, quero que você me encontre num bar no Village em vez de ir ao restaurante. Vou te mandar o endereço.

Lily quase respondeu “tá bom”, mas hesitou. Ela sentia uma pegadinha a caminho.

— Vai ser só nós duas?

— Hum — murmurou Violet. — Não.

Lily suspirou.

— Quem mais vai estar lá, Vi?

— Ninguém, sério... Só meu novo amigo, o Damien — respondeu ela, rápido. — Ele é o fotógrafo-assistente na sessão de hoje. Comecei a falar de você, mostrei sua foto e ele disse que você era linda, o que você é...

— Não.

— Mas ele é tão fofo e lindo, e quer te conhecer de verdade! Sério que não vai nem dar uma chance a ele?

Lily grunhiu. Suas irmãs sempre tentavam bancar o cupido. Por que elas não podiam simplesmente aceitar que Lily era péssima com encontros e deixá-la em paz?

— Violet, eu tive um dia horrível. Sério. Não vai dar para ir num encontro com alguém hoje. Não tenho energia.

— Também vou te pagar o jantar.

Lily se calou. Com seu salário, ela não costumava rejeitar comida grátis.

— *Tá bom* — cedeu ela, por fim. — Mas não fica decepcionada quando eu e o Damien não nos dermos bem.

— Certo, Senhora Pessimista. Vou te mandar o endereço. Vejo você daqui a pouco. Te amo!

— Também te amo — respondeu Lily, mas Violet já tinha desligado.

Ela soltou um suspiro profundo e afastou o celular do ouvido, fazendo careta ao ver o suor que ficou na tela. Durante todo o tempo que tinha passado falando com Violet, o metrô ainda não havia se movido. Como aquilo era possível?

— Você está bem?

Lily ergueu o olhar e viu que a loira a encarava, com o rosto preocupado.

— Você está bambeando — justificou ela. — Parece que vai desmaiar.

Lily notou as pessoas à sua volta se virando em sua direção.

— Estou bem — insistiu ela, mesmo que estivesse começando a ver pontos escuros em todo lugar. Talvez conversar com Violet e concordar com mais um encontro às cegas a tivesse estressado mais do que pensava. *Por que esse trem não anda, caramba?* Ela se forçou a sorrir. — Mas obrigada.

Ela logo sairia dali. Só precisava se distrair enquanto isso. Lily plantou os pés no chão, vasculhou a bolsa e tirou *Os elfos de Ceradon*, seu livro de fantasia favorito. Ela o tinha encontrado dois anos antes quando trabalhava numa livraria, lutando para conseguir um emprego em tempo integral em qualquer área que estivesse disposta a contratar pessoas com graduação em inglês. Ela nunca tinha lido um livro sobre um clã de elfos negros antes, uma história que tornava completamente normal a existência de pessoas negras em livros de alta fantasia. Lily percebeu então que queria ajudar a trazer mais fantasias como aquela ao mundo, só que para crianças. E com isso começou sua longa jornada para entrar no mundo editorial. No momento ela trabalhava com Edith em livros meio depressivos de não ficção adulta, mas esperava poder mudar logo para livros infantis. No fundo, sentia que devia agradecer a *Os elfos de Ceradon* pela inspiração.

Só que o autor, chamado N. R. Strickland, era um mistério. O exemplar que Lily tinha descoberto na livraria estava rasgado e esfarrapado, publicado anos antes por uma editora britânica já extinta. A escassa biografia de N. R. Strickland dizia que ele tinha nascido e sido criado em Londres e que *Os elfos de Ceradon* era seu primeiro livro. Não indicava um site ou uma rede social. A contracapa lisa vermelho-escura não tinha nem foto. Nos dias atuais, era estranho, mas um pouquinho admirável, que ele tivesse decidido abrir mão de qualquer coisa pública.

Lily carregava o livro com ela para momentos como aquele, quando estava presa no metrô e precisava passar o tempo. Ela abriu o livro e tentou se concentrar nas palavras diante de si em vez de no calor, mas percebeu que era difícil. A dificuldade para ler estava lhe dando dor de cabeça. Em um momento de abençoado alívio, o metrô voltou a andar, mas parou depois do que pareceram alguns metros. Alguém abriu uma janela e um pouco do ar quente de dentro do vagão foi substituído pelo ar quente do lado de fora. Lily engoliu em seco e tentou se concentrar, mas as palavras começaram a dançar na folha. Ler não ia ajudar. Tudo bem.

Em vez disso, ela pegou o celular e, em um impulso, jogou “N. R. Strickland” no Google, como fazia de vez em quando, esperando ler notícias sobre uma continuação, mas, por fim, nunca encontrando nada. O sistema de busca carregou e... Espera, N. R. Strickland agora tinha um site.

Chocada, ela clicou no link, e o site de aparência singela apareceu. Ele não fornecia nenhuma informação que ela já não soubesse pela biografia na orelha do livro. Mas o que o site tinha *mesmo* era um formulário para contato. *Maravilha*. Lily limpou o suor da testa mais uma vez e sorriu para o celular. Zonza e cada vez mais delirante, digitou uma mensagem para N. R. Strickland, contando o quanto o livro significava para ela e a maneira como encontrar a história dele tinha mudado sua vida.

Seus batimentos cardíacos aceleraram e as mãos ficaram mais pegajosas, mas Lily acreditou que fosse devido à empolgação. Mesmo quando sua respiração ficou mais fraca, e manchas pretas turvaram sua visão, ela continuou digitando. Só quando o celular caiu de sua mão e o trem pareceu se inclinar de um jeito esquisito foi que Lily percebeu que estava caindo. Desmaiando, para ser mais exata.

— Ai, meu Deus! — gritou a loira quando Lily caiu no chão, segurando *Os elfos de Ceradon*.

Minutos depois, após Lily ter despertado, alguns desconhecidos gentis a ajudaram a se levantar, alguém lhe ofereceu uma garrafa d'água e uma mãe a forçou a comer as frutas do filho. Lily estava ocupada pensando que tinha acabado de desmaiar. Sua mente estava bem distante do e-mail que havia escrito toda entusiasmada, sem perceber que ele já tinha sido enviado e estava no ciberespaço a caminho de seu destinatário.

o o o

A quase cinco mil quilômetros de distância, em Amsterdã, Nick Brown se esforçava ao máximo para não envergonhar a si mesmo ao chorar num cômodo cheio de pessoas que, apenas um mês antes, não conhecia. Mas ele não conseguia evitar. Estava emocionado por terem feito uma festa de despedida para ele. E se sentia um pouco tímido com tanta atenção sobre si.

— Lembre de nós com carinho, Nick — pediu Jakob Davids, levantando a taça, os lábios abertos num sorriso genuíno. — Estamos ansiosos para ler a reportagem quando for publicada. *Proost!*

— *Proost!* — gritou o restante da família Davids, tilintando as taças.

— *Proost!* — repetiu Nick baixinho, erguendo a taça também, embora seu conteúdo fosse apenas água.

Passando a mão na nuca, Nick se sentia agradecido pelo jantar de despedida, mas ao mesmo tempo achava que não era digno da comoção, então olhou para a família Davids e tentou guardá-la na memória. Tinha passado as últimas semanas com eles. Eram uma família afro-holandesa que possuía um restaurante de culinária surinamense, e ele vinha escrevendo uma reportagem sobre eles e seu negócio para sua coluna na *World Traveler*. Havia Jakob e Ada, sua esposa, e ambos, com trinta anos, eram apenas três anos mais velhos que Nick; seus filhos pequenos, Jolijn e Christophe; e a mãe de Jakob, Ruth, que emigrara do Suriname, na América do Sul, para Amsterdã com vinte e pouco anos. Eles viviam em uma casa pequena a alguns quarteirões de Sarphatipark.

O trabalho de Nick o mantinha em constante movimento. Era o que mais gostava nele. Sua vida era uma porta giratória de rostos e lugares. Mas alguma coisa naquelas pessoas o tinha agradado. Talvez porque fossem uma família unida que realmente gostava de passar o tempo junto, uma coisa que Nick sempre desejara. Ele não queria deixar os Davids e gostaria de poder mergulhar na união deles por um pouco mais de tempo. Mas iria para Munique pela manhã por conta de seu próximo trabalho. Teria que deixar os Davids para trás.

De qualquer forma, isso provavelmente era o melhor a fazer. As últimas semanas tinham sido legais. Mas quase legais *demais*. Isso deixava Nick ansioso. Ele percebeu que estava sempre esperando o pior acontecer.

— Obrigada por tudo isso — disse Nick aos Davids. — Agradeço por terem permitido que eu entrasse na casa e na vida de vocês. — Ele respirou fundo, lutando contra a forte onda de emoções que o surpreendiam. — Realmente vou sentir saudade.

— Vamos sentir saudade de você também. Você é praticamente da família agora! — Jakob soltou uma risada, sem consciência do efeito que suas palavras tiveram em Nick. — Não é, filho?

Christophe sorriu e assentiu.

Nick sentiu uma pontadinha no estômago, assistindo àquela breve interação entre pai e filho. Ele a ignorou e sorriu para todos, se sentindo um

pouco aliviado quando Ada colocou uma música para tocar e fez sinal para Jakob dançar com ela no meio da sala de estar. Ruth, que já tinha passado muito da sua hora de dormir, se sentou no sofá e adormeceu no mesmo instante.

Então Christophe e Jolijn, os gêmeos de nove anos, de repente apareceram na frente de Nick com um brilho travesso nos olhos.

— Você não vai esquecer da gente, vai? — perguntou Jolijn, erguendo uma sobrancelha. Ela era a mais alta dos dois. Puxou uma das tranças grossas. Nick notou que ela fazia isso sempre que sentia que estava perguntando demais. — Promete que não vai. Jura pelo seu caderno.

Nick riu.

— Por que o meu caderno?

— Porque você está sempre com ele. Deve ser sua coisa favorita.

— E o que a gente vai fazer sem as suas histórias? — indagou Christophe, empurrando a irmã com o quadril para tirá-la do caminho e ter a atenção total de Nick. — Você nunca contou pra gente o que aconteceu com o Deko, o príncipe elfo, depois que a sanguessuga mortal mordeu ele.

Duas semanas antes, quando os gêmeos ficaram impacientes enquanto os pais fechavam o restaurante, Nick tinha distraído os dois com uma história que escrevera anos atrás sobre um príncipe elfo chamado Deko e sua jornada pela terra mágica Ceradon.

— Você tem razão — comentou Nick, assentindo. — Nunca terminamos a história, não é? O que *vocês* acham que aconteceu com o Deko?

Christophe franziu a testa.

— Acho que ele ficou bem ferido. Quase morreu.

— Eu não — rebateu Jolijn. — Acho que o Deko sobreviveu e depois conheceu uma rainha guerreira elfa, que é mais forte e rápida do que ele, e ela virou a governante do reino.

— Nada disso — discordou Christophe, revirando os olhos. — É claro que o Deko morreu e então uma feiticeira ressuscitou ele e, com a ajuda dela, buscou vingança contra aqueles que machucaram ele e seu povo!

Os gêmeos começaram a discutir, e Nick riu. Sendo sincero, eles o fascinavam. Ele havia sido filho único, sem ninguém com quem implicar.

— Vou deixar o final por conta de vocês — respondeu ele, por fim intervindo. — O que vocês quiserem que aconteça com o Deko é o que acontece realmente.

— Você quer dizer que não sabe o fim da sua *própria* história? — indagou Jolijn, os olhos arregalados.

Nick balançou a cabeça.

— Não.

— Mas você tem que saber — insistiu Christophe, decepcionado.

Nick não estava mentindo. Tinha escrito aquela história em outra vida e deixado o destino de Deko em suspenso de propósito, achando que teria uma oportunidade para continuar sua jornada. Para ele, a história pertencia a N. R. Strickland, o pseudônimo bobó que tinha criado. Mas ele observou a expressão de desânimo dos gêmeos. Eles não queriam ouvir sua história triste. Queriam saber o que aconteceu com Deko. Então Nick inventou um fim especial, apenas para eles.

— Tá bom, a verdade é que o Deko realmente morre da mordida da sanguessuga mortal — explica Nick, e Jolijn arfa. — Mas depois ele é ressuscitado por uma feiticeira que também é uma rainha guerreira, e ela governa o reino enquanto Deko sai em uma jornada para matar as sanguessugas que assassinaram seu clã.

— Eu sabia! — exclama Christophe, socando o ar, e Jolijn sorri, satisfeita.

— Certo, hora de dormir — anuncia Ada, recolhendo os gêmeos. — Deem tchau pro Nick.

— Tchau, Nick — cantarolaram eles, abraçando-o. Nick ficou mexido de novo e desejou ter a merda do controle das suas emoções. Ele abraçou os gêmeos de volta, já sentindo falta deles e das brincadeiras.

— Juro pelo meu caderno que não vou esquecer vocês — disse ele quando se afastaram.

— Acho bom — comentou Jolijn, assentindo, muito séria.

— Tem certeza de que não quer o número da minha irmã? — perguntou Ada a Nick, erguendo uma sobrancelha. — Ela está em Munique, e eu sei que amaria conhecer um homem bonito como você.

— Ei, eu ouvi isso! — gritou Jakob da cozinha, e Ada riu.

— Não, mas obrigado — recusou Nick, sorrindo.

Se a irmã de Ada fosse um pouquinho como ela — gentil, paciente e carinhosa —, então seria melhor Nick ficar longe dela. Porque é claro que ele acharia um jeito de estragar tudo.

— Certo, então — rebateu Ada, abraçando Nick.

Ele deu tchau para ela e para os gêmeos conforme ela os levava para o andar de cima.

Era quase uma da manhã, no fuso de Amsterdã. O voo de Nick estava marcado para dali a seis horas. Precisava pelo menos tentar dormir um pouco. Ele se levantou e caminhou até Jakob para se despedir.

— Vê se não some — pediu Jakob, sincero.

Nick prometeu que não sumiria. Mas a realidade era que provavelmente nunca mais veria ou falaria com Jakob nem com o restante dos Davids de novo. Era assim que a vida funcionava.

— Obrigado por tudo — disse Nick, dando uma última olhada na casa dos Davids, já antecipando a solidão que o aguardava em seu Airbnb. Deu um último sorriso para Jakob e saiu.

Garoava quando ele pisou do lado de fora. Nick pegou a bicicleta que tinha alugado para o mês e desceu a rua pedalando com cuidado. A noite estava quieta, tranquila. Apenas o som dos pneus e das batidas suaves da chuva no chão. Era em momentos como aquele que Nick se maravilhava silenciosamente com o fato de que estava em outro país, bem longe da Carolina do Norte, lugar do qual pensara que nunca sairia. Mas olhe para ele. Pedalando pelas ruas de Amsterdã, saindo de uma festa de despedida feita em sua homenagem. Para *ele*. Alguém que nunca tivera nem uma festa de aniversário. Tinha sido uma noite tão boa, uma das melhores em muito tempo.

Então, claro que, bem quando Nick estava quase formando uma perspectiva otimista, a corrente da bicicleta arrebentou e ele derrapou pela rua molhada, perdendo o controle. Bateu em um poste e caiu, de costas no chão. Ele encarou o céu, ofegante, se contorcendo com o corpo todo dolorido. Levou vários minutos para se orientar, e então se levantou devagar, estremeando. Empurrou a bicicleta pela rua e, bem naquele momento, a chuva começou a apertar. Mesmo com dor, tudo o que Nick podia fazer era rir. *É claro* que sua última noite em Amsterdã acabaria daquele jeito. Alguma

coisa tinha que trazê-lo de volta para a Terra e o lembrar de que coisas boas, fossem emoções ou experiências, não duravam muito tempo em sua vida.

Quando por fim chegou ao Airbnb, ele sentia como se tivesse sido atropelado por um caminhão de lixo. Ficou só de cueca e examinou as costelas. Não conseguia ver nenhum roxo na pele marrom, mas eles com certeza apareceriam em algumas horas. Fazendo uma careta, ele se sentou no sofá e pegou o notebook, esperando ver um e-mail do chefe perguntando por que não tinha enviado ainda a reportagem sobre os Davids, e Nick teria que responder “Desculpa, Thomas, bati minha bicicleta num poste porque em noventa por cento do tempo acontecem coisas ruins desse tipo na minha vida. Podemos mudar o prazo?”.

Mas, quando Nick abriu o e-mail, não viu uma mensagem de Thomas. Em vez disso, havia uma notificação de que alguém tinha feito contato com ele através de seu site. Quer dizer, do site que seu melhor amigo e recém-autonomeado agente literário, Marcus, tinha criado para ele. Nick encarou a tela, perplexo. Alguém tinha mesmo descoberto seu site? Alguém no mundo realmente tinha lido seu livro? *Cacete, até parece*. Devia ser spam. Ou alguém tinha conseguido encontrar um exemplar de *Os elfos de Ceradon*, lido e odiado tanto que sentira a necessidade de dizer isso a ele. Nada de bom poderia vir da leitura daquele e-mail.

Nick afastou o notebook, desejando ter algo congelado para colocar no joelho dolorido. E olhou para a tela do computador de novo. O assunto do e-mail era “Você tem um site!”. Uma pessoa que odiasse tanto seu livro soaria assim tão otimista?

Nick franziu a testa, indeciso.

Ah, que se dane. Ele ia deixar a curiosidade vencer.

Abriu o e-mail e se preparou para dar de cara com uma mensagem de ódio. Mas, para sua surpresa, se pegou sorrindo ao ler a primeira linha.

Sumário

Parte Um

Capítulo 1

Parte Dois

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

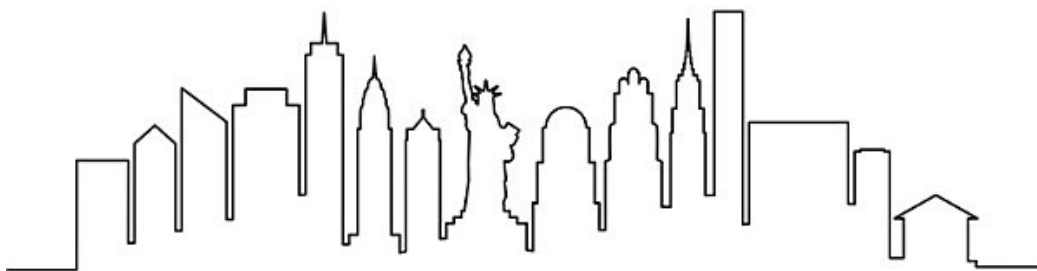
Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

PARTE UM

Os e-mails



DE: Lily G. <lilyg@gmail.com>

PARA: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

DATA: 9 de maio, 18h21

ASSUNTO: Você tem um site!

Caro sr. Strickland,

O senhor já ficou preso em um metrô sem ar-condicionado num dia em que fazia trinta e cinco graus? Se não, considere-se sortudo, porque estou passando por isso agora e é uma verdadeira tortura.

Tá bom, agora que desabafei, quero deixar claro que nunca faço coisas desse tipo. Estou falando de mandar um e-mail sem permissão para um estranho. Provavelmente o senhor não vai ler esta mensagem, então estou nervosa à toa. O senhor de fato *acabou* de criar um site apesar de *Os elfos de Ceradon* ter sido publicado há cinco anos, então presumo que o senhor não passe muito tempo na internet, o que na verdade não é uma coisa ruim.

Eu me chamo Lily e li seu livro há quase dois anos quando trabalhava em um sebo. Eu nunca tinha ouvido falar dele, nem meu chefe, então ele me falou para jogá-lo fora. Principalmente porque este exemplar em particular parecia ter sido mastigado por um cachorro bem na parte de baixo, o que significava que não podíamos vendê-lo. Mas a ideia de jogar livros fora é um crime para mim, e eu fiquei curiosa, então comecei a ler na hora do almoço. Depois continuei lendo pelo resto do expediente, no ônibus a caminho de casa, durante todo o jantar, e fiquei acordada até três da manhã para terminar. Ler seu livro me fez recordar por que eu amava tanto ler quando era pequena. Na época, fazia um ano que eu tinha saído da faculdade e não pensava em trabalhar com livros a não ser como vendedora de livros, mas percebi que talvez eu pudesse editar livros como o seu, só que infantis. Assim que tracei esse objetivo, tudo mudou. Trabalho com livros agora... Não exatamente na função que quero, mas é um começo. Acho que preciso agradecer ao

senhor e ao seu livro, de certa forma. Ele me ajudou a passar por um momento difícil e confuso na vida.

Enfim, não vou te entediar com os detalhes da crise existencial por que passei (de novo, não sei se o senhor vai ler este e-mail). Estou escrevendo porque queria dizer que amei o livro. O Deko é um dos protagonistas mais interessantes que li em muito tempo. O senhor pretende escrever uma continuação? O livro acabou em um grande suspense, com Deko, delirante e cansado da batalha, finalmente chegando a Ceradon, mas sendo atacado por uma sanguessuga mortal assim que toca nos portões da cidade! Ele sobreviveu? Ele morreu? Estou querendo saber disso há dois anos.

Tenho certeza de que o senhor está sendo inundado de mensagens graças ao novo site e ao formulário de contato, mas espero

o o o

DE: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

PARA: Lily G. <lilyg@gmail.com>

DATA: 14 de maio, 22h42

ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Lily,

Você espera o quê? Você quis deixar a sua frase inacabada? De qualquer forma, obrigado pela mensagem simpática. Foi realmente legal e surpreendente de ler. Está errada em presumir que estou sendo inundado de e-mails. O seu é o primeiro que recebi pelo site, e, sendo sincero, achei que fosse alguém mandando uma mensagem de ódio. Você é provavelmente a única pessoa que visitou o site, além do meu agente, que o criou para mim.

Fico feliz de o meu livro ter servido como inspiração para você e sua carreira. Deve ser o único jeito que ele inspirou outra pessoa.

Respondendo à sua primeira pergunta: não, nunca fiquei preso no metrô quando fazia trinta e cinco graus. Mas uma vez fiquei preso dentro de um banheiro em um submarino no meio do oceano Índico. É uma longa história.

Respondendo à segunda pergunta: não, não pretendo escrever uma continuação. Não me considero mais um escritor. Estou mais para cantor de um sucesso só, tirando a parte do sucesso. Tenho a impressão de que *Os elfos de Ceradon* foi escrito em outra vida, quando eu tinha vinte e dois anos e era ingênuo e achava que seria o George R. R. Martin negro. O Deko morreu lá caído nos portões da cidade? Um elfo ceradoniano o salvou? Não sei. Vou deixar isso por sua conta.

Te desejo boa sorte na vida,

~NRS

o o o

DE: Lily G. <lilyg@gmail.com>

PARA: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

DATA: 15 de maio, 7h13

ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Caro sr. Strickland,

Ai, meu Deus. Eu não tinha ideia de que tinha mesmo enviado aquele e-mail. Quando escrevi, eu estava delirando e desidratada, um pouco antes de literalmente desmaiar. Eu estava falando sério sobre o calor no metrô. Relendo meu e-mail, consigo ver o quanto estava fora de mim. E nem terminei! Estou *arrasada*.

E chocada? Não acredito que o senhor realmente leu meu e-mail e que o *respondeu*. Pra ser sincera, eu estava começando a achar que talvez o senhor não existisse. Sou a única pessoa que sei que leu seu livro. Sempre que o menciono para outras pessoas, elas não têm ideia do que estou falando, o que é bem decepcionante, porque não sabem o que estão perdendo, e não vou emprestar meu exemplar, porque o amo muito. Não tenho ideia de onde encontraria outro se a pessoa não me devolvesse. Parece que o livro esgotou apenas alguns meses depois de ser publicado.

Lamento saber que o senhor não se considera mais um escritor. Não sabia que era tão jovem quando escreveu *Elfos*. É impressionante. Nos meus vinte e dois anos, eu me escondia dos meus colegas de quarto para que eles não me forçassem a ir a festas.

Sua resposta chegou na hora certa. É exatamente o estímulo de que preciso para minha entrevista de emprego esta tarde. Vou ver isso como um bom sinal. 😊

Atenciosamente,

Lily G.

o o o

DE: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

PARA: Lily G. <lilyg@gmail.com>

DATA: 12 de junho, 23h01

ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Lily,

Desculpa, estou mais de um mês atrasado. Então você está me dizendo que me enviou o e-mail quando não estava nada bem, literalmente segundos antes de desmaiar. Isso é surreal! Espero que tenha ficado bem. E preciso ser sincero, seu primeiro e-mail faz muito mais sentido agora. Acho que alguém teria que estar delirante para se incomodar em mandar um e-mail para mim.

Fico feliz que você ame tanto seu *Elfos* que não o empresta para ninguém. E, sim, a Labyrinth Press fechou as portas no mesmo ano em que assinei o contrato. Eles conseguiram distribuir alguns exemplares de *Elfos* antes. Não foi um início de carreira ideal, mas aceitei meu destino. De novo, não sou mais escritor.

Como foi a entrevista?

~NRS

o o o

DE: Lily G. <lilyg@gmail.com>
PARA: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>
DATA: 13 de junho, 8h21
ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Caro sr. Strickland,

Eu não esperava que o senhor respondesse da primeira vez, e com certeza não estava esperando que respondesse uma *segunda* vez. Isso alegrou meu dia.

Infelizmente, a entrevista não foi muito bem. Não passei da primeira rodada, o que é um pouco chato, porque era um cargo de editora-assistente em uma editora de livros infantis renomada.

Fui a várias entrevistas ano passado, e nunca chego muito longe no processo. Primeiro, mesmo que eu saiba muito sobre livros infantis, me dá um branco assim que sento e começo a tagarelar. O segundo problema é que a maioria dos entrevistadores acha que não tenho experiência suficiente, o que não está errado. Há dois anos, sou assistente editorial num selo de não ficção adulta. Passo os dias lendo originais sobre pragas, genocidas e ditadores, entre outros assuntos. Trabalhar num livro sobre o pânico satânico com certeza não é a mesma coisa que trabalhar com autores infantis que podem ser o próximo Rick Riordan. Pelo menos é o que me dizem nas entrevistas.

Enfim, essa é minha vida profissional. O senhor disse que não escrevia mais. Se não é mais escritor, o que faz?

Atenciosamente,
Lily G.

o o o

DE: Lily G. <lilyg@gmail.com>
PARA: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>
DATA: 13 de junho, 8h26
ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Caro sr. Strickland,

Por favor, quero me desculpar pelo meu último e-mail. Foi tão presunçoso. Tenho certeza de que não se importa com meus problemas profissionais. O senhor nem precisa responder. Na verdade, espero que não responda. Vai me poupar de muito constrangimento.

O e-mail me fez parecer muito ingrata. Não sou, juro. Tenho um emprego em uma das editoras mais renomadas da América do Norte. E sei o quanto é difícil entrar no mundo editorial, ainda mais quando a pessoa é negra. Eu me candidatei a centenas de cargos durante um ano e não consegui nada, até que uma pessoa com uma conexão distante e confusa com a igreja da minha mãe me arranjou um estágio com a minha chefe atual. A assistente dela se demitiu quando eu tinha três meses de estágio, e ela não quis ter o

trabalho de outro processo seletivo, então me contratou. Consegui esse emprego graças à sorte de estar no lugar certo na hora certa.

Estou agradecida. Esse trabalho é importante. Só não é o trabalho que eu queria estar fazendo, e ler esses textos difíceis e depressivos todo dia está começando a me afetar. Na maioria dos dias, não saio do escritório antes das sete da noite. E vou dormir sonhando com epidemias e assassinatos.

Tenho só vinte e cinco anos e muito tempo para seguir meu sonho de editar livros infantis. Sei disso. Só fico pensando que seria mais fácil de aguentar se minha chefe fosse pelo menos uma pessoa mais ou menos decente.

Atenciosamente,
Lily G.

o o o

DE: Lily G. <lilyg@gmail.com>

PARA: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

DATA: 13 de junho, 8h27

ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Caro sr. Strickland,

PERDÃO. Pedi desculpas por falar demais e depois falei mais ainda. Pelo jeito, tratar e-mails como desabafos numa corrida de táxi é uma coisa que faço agora. Pareceu seguro desabafar porque o senhor não me conhece de verdade, e não é como se fôssemos nos encontrar um dia. Quando comecei a escrever, foi difícil parar.

Tenho consciência de que deixei a situação constrangedora. Espero que o senhor tenha decidido parar de checar os e-mails, e minhas reflexões embaraçosas continuem não lidas na sua caixa de entrada para sempre.

Atenciosamente,
Lily

o o o

DE: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

PARA: Lily G. <lilyg@gmail.com>

DATA: 15 de julho, 21h32

ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Lily,

Embaraçosos são os contos horríveis que eu escrevia durante oficinas de escrita criativa. Seus e-mails sobre sua carreira não são nem de perto tão ruins. Você não deixou a situação constrangedora e não precisa se desculpar. Mas o tema que você edita atualmente parece mesmo deprimente. Eu também iria querer sair desse emprego.

Aí vai uma história para te fazer se sentir melhor. Quando eu estava na faculdade, meu agente literário (que não era meu agente literário na época, só meu colega de quarto) me encorajou a ir a um evento de pitching de livros, aquelas feiras em que você tem que fazer uma exposição rápida do seu projeto para tentar convencer um editor a investir nele. Eu vinha trabalhando em *Elfos* fazia mais de um ano nos cursos de escrita criativa, e meus professores pareciam gostar do que eu estava fazendo, então fui juntando dinheiro para pagar a taxa de participação do evento. Imprimi cópias dos primeiros capítulos e mostrei *Elfos* para uns trinta editores pelo menos, e ninguém se interessou. Me disseram que fantasia adulta não estava vendendo, o que achei que não fazia sentido, já que *Game of Thrones* era a série de mais sucesso na televisão. Alguns editores perguntaram: "Mas os elfos são negros?". Foi o maior desperdício de dinheiro. Bem quando decidi ir embora, um homem veio até mim e disse que tinha ouvido minha apresentação. Ele trabalhava em uma pequena editora, que publicava especificamente fantasia e ficção científica. Disse que *Elfos* parecia bem o estilo deles. Foi assim que consegui minha oportunidade.

Depois isso acabou sendo uma decisão horrível, porque assinei um contrato ruim, e o livro, junto com minha carreira, não decolou, e depois a editora fechou no fim do ano, e nunca recebi meu adiantamento. Mas acho que você entendeu o que eu quis dizer. Às vezes só precisamos de um "sim". Espero que o seu sim não a deixe pior, como aconteceu comigo.

Sobre meu trabalho atual, escrevo para uma revista de viagens desde que me formei. Sempre me pego tendo conversas muito profundas com pessoas que não conheço muito bem em diferentes partes do mundo, então não acho estranho que você tenha compartilhado partes da sua vida comigo. Concordo que tem uma coisa um pouco catártica envolvida, e, pensando bem, acho que é por isso que continuo respondendo a você. Tirando meu chefe e meu agente, você é a única pessoa que me envia e-mails sempre.

No momento, estou na Islândia. Já veio aqui? Não é tão frio quanto achei que seria. O fato de, em inglês, "Islândia" significar "terra do gelo" acaba sendo enganoso.

Anexei uma foto da cachoeira Skógafoss. Li na internet que é a cachoeira mais "comum" daqui. Não parece nada comum para mim. Espero que te anime.

~NRS

P.S.: Pode parar de me chamar de "sr. Strickland". Me faz parecer um idoso. Tenho vinte e sete anos, só dois a mais do que você.

o o o

DE: Lily G. <lilyg@gmail.com>

PARA: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

DATA: 15 de julho, 22h59

ASSUNTO: Re: Você tem um site!

Caro [inserir o seu nome aqui],

Se você não quer que eu te chame de sr. Strickland, do que devo chamar?

Estou aliviada que ter falado demais das minhas angústias não tenha te assustado. Pelos meus e-mails, você pode achar que estou acostumada a falar mais do que a boca, mas na

verdade não falo tanto. No ensino fundamental, meus colegas de classe me chamavam de “bicho do mato”. O ensino fundamental foi uma tortura por várias razões, mas eu queria que eles pelo menos tivessem inventado um apelido mais criativo.

Nunca fui à Islândia. Na verdade, nunca saí dos **EUA**. Que legal escrever para uma revista de viagem. Acho que você nunca deve ficar no mesmo lugar por muito tempo. Tem alguma cidade ou país favorito?

A cachoeira com certeza não parece comum. Obrigada por compartilhar a foto. Realmente me alegrou. Aquela entrevista foi há quase um mês, e eu ainda fico triste pensando no quanto queria aquele emprego, mas virão outros. Só preciso continuar tentando.

Sair da cidade ajuda (moro no Brooklyn). Passei a maior parte de hoje na casa dos meus pais em New Jersey para o churrasco de aniversário deles, comemoração que acontece todo ano (eles fazem aniversário no mesmo dia, 15 de julho). Além do Natal, é a única época do ano em que ficamos todos juntos. Minha irmã Violet mora em Nova York, mas a qualquer momento ela pode estar em qualquer lugar do mundo. E minha outra irmã, Iris, mora com a filha no mesmo bairro que meus pais, mas ela está sempre trabalhando, então quase nem a vejo. No dia 15 de julho todo mundo está em casa e é legal. A Violet é stylist, então nos força a fazer shows de moda, e meu pai e meu tio sentam no quintal e jogam Spades (um jogo de cartas que não tenho ideia de como se joga). É um dia bacana.

E, caramba, que pena que você assinou um contrato ruim com a Labyrinth Press. Fico triste por você não se considerar um escritor e não pretender escrever uma continuação para *Elfos*, mas fico contente por ainda escrever na revista de viagem, de todo modo.

Atenciosamente,
Lily

P.S.: Não é uma cachoeira, mas anexeí uma foto dos pezinhos da minha sobrinha com o sapato de salto da minha irmã durante nosso “show de moda”.

o o o

DE: N. R. Strickland <nrs@nrstrickland.com>

PARA: Lily G. <lilyg@gmail.com>

DATA: 21 de julho, 00h02

ASSUNTO: Pode me chamar de Strick

Lily,
Pode me chamar de Strick.

Sua sobrinha tem um pé gordinho fofo. Espero que ela não cresça e se torne uma adulta cansada com uma visão de mundo deprimente. Ou talvez isso só tenha acontecido comigo. (Viu? Eu falo demais também.)

Então você mora no Brooklyn. Como é aí? Do que você gosta? Já estive em muitos lugares, mas nunca em Nova York, acredite se quiser. Meu agente mora no Brooklyn também, e tem me incentivado há meses a mudar para Nova York. Ele conseguiu um cargo numa agência literária chique e decidiu fazer de mim seu primeiro projeto. Ele acha que

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um favorzinho do vizinho" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).